

MARQUÊS DE PELLEPORT

Os boêmios

Romance

Tradução

Rosa Freire d'Aguiar

Introdução

Robert Darnton



Copyright da introdução © 2010 by Robert Darnton
Todos os direitos reservados, incluindo direitos de reprodução do todo ou de parte.
*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Título original

Les Bohémiens

Capa

Victor Burton

Imagen de capa

Busto de menina — barão Pierre-Narcisse Guérin (1774-1833)/
RMN-Grand Palais (Museu do Louvre)/ Thierry Le Mage/ Other Images

Imagen de quarta capa

Le déjeuner en tête à tête — Nicolas Lawreince, o jovem (1737-1807)/ Museu do Louvre

Tradução da introdução e das notas

George Schlesinger

Preparação

Lígia Azevedo

Revisão

Ana Maria Barbosa

Jane Pessoa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Pelleport, Marquês de, 1753-1810?.

Os boêmios / Marquês de Pelleport ; tradução Rosa Freire d'Aguiar ; introdução Robert Darnton — 1ª ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2015.

Título original: Les Bohémiens.

ISBN 978-85-359-2593-7

1. Romance francês I. Darnton, Robert II. Título.

15-02805

CDD-843

Índice para catálogo sistemático:

1. Romances : Literatura francesa 843

[2015]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORAS SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

Sumário

Introdução — Robert Darnton, 7

Personagens principais, 59

VOLUME I

1. O legislador Bissot renuncia à chicana pela filosofia, 67
2. Os dois irmãos se perdem nas planícies da Champanha, 73
3. Jantar melhor que o almoço, 81
4. Quem eram as pessoas que ceavam assim ao relento nas planícies da Champanha, 87
5. Despertar. O bando sai a caminho: aventuras que nada têm de extraordinário, 91
6. O canto do galo, 107
7. Depois disso, diga que não há assombrações, 128
8. O desfecho, 140
9. Aventuras noturnas, dignas da luz do sol e da pluma de um acadêmico, 142

VOLUME II

10. Terríveis efeitos das causas, 165
11. Rudes dissertações, 171
12. Paralelo entre monges mendicantes e proprietários, 183
13. Diversos projetos muito importantes para o bem público, 192
14. A hospitalidade, 200
15. A manhã dos cartuxos, 205
16. Panegírico do clero, 208
17. Um rato que só tem um buraco logo é pego, 214
18. Como Lungiet foi interrompido por um milagre, 217
19. Que não será longo, 221
20. História de um peregrino, 223
21. Continuação da história de um peregrino, 244

Notas, 269

VOLUME I

1. O legislador Bissot renuncia à chicana pela filosofia

O sol ia abandonar a cama de Anfritite, a aurora fugia a passos largos: as moças de vida fácil fechavam as pálpebras, e as burguesas da cidade de Reims se esgoelavam para fazer suas criadas se levantarem, tendo em vista que o uso das sinetas é desconhecido na Champanha; as mulheres de escol e todas as que aspiram à nobreza ainda tinham seis horas de sono; e as devotas acordadas pelo som lúgubre dos sinos apressavam-se para a primeira missa: foi quando o medo dos oficiais de justiça e o primeiro raio do astro do dia despertaram sobressaltado o advogado Bissot,¹ que dormia num sótão ao lado de seu irmão Tifarès,² companheiro fiel de sua fortuna e êmulo de seus trabalhos filosóficos. Depois de alguns inúteis ensaios para tirar dos braços de Morfeu o feliz Tifarès, o advogado, arrancando-lhe o cobertor e levantando-o sobre seu catre, expôs aos olhares do sol o corpo seco da desafortunada criatura. Diante desse aspecto medonho, o louro Apolo imaginou-se enganado, e seus cavalos, em vez de seguirem o trópico de verão, arrastaram-no para a porta de um desses porões onde os antigos egípcios guardavam as múmias

de seus avós; e como estava um tanto mal-humorado por ter se levantado tão de manhãzinha, Apolo sentiu um maligno prazer em lançar seus raios nos punhos diáfanos que Tifarès, sentado sobre o traseiro na mesma posição que costumava ter no ventre de sua mãe, enfiava nas vastas e cavas órbitas onde se escondiam seus olhinhos. Não era preciso mais nada para acordá-lo além dos esforços conjuntos de um deus e de um mortal, de tal forma ele sentia pelo sono um amor puro e terno; e só depois de ter recebido suas últimas carícias foi que, puxando de sob um lençol sujo e rasgado uma perna preta e seca, e apresentando-a na boca de uma meia larga demais, ele prestou em seu ilustre irmão uma cuidadosa atenção e ouviu, não sem desprazer, o discurso filosófico que você vai ler.³

— Oh! como os habitantes do Ganges mostraram sabedoria, obrigando os filhos a abraçar a profissão dos pais! Quisesse Deus que aprouvesse aos companheiros de Clóvis adotar instituições semelhantes, hoje não haveria entre nós tantas classes roedoras e inúteis!⁴ Não se veria o lavrador diligente queimar ao sol seu couro escamoso para poupar a pele suave e fresca do prelado vagabundo e voluptuoso; o marujo não percorreria os mares para vestir com musselinhas da Índia a cortesã lúbrica e brejeira; o soldado não se mostraria macilento, morto de fome, mal e mal vestido, dormindo numa mesma cama com um camarada como única companhia, enquanto o financista larápio e entediado dorme por trás de cortinas de adamascado sobre o seio da jovem Lison, com quem não sabe o que fazer; e eu, em vez de adquirir o ridículo capelo dos advogados pilantes ao preço dos cem mais belos escudos que vi em minha vida,⁵ teria comprado perdizes de pernas escarlates, as teria larreado, envolto em tirinhas de toucinho, coberto de massa, enquanto você teria aquecido o forno e peneirado a farinha para uma nova fornada. Em pouco tempo, estendendo nosso comércio a mais de dez léguas em tor-

no da cidade de Chartres, teriam nos incluído entre os grandes negociantes; teríamos nosso lugar entre os ilustres aristocratas do Terceiro Estado,* e eu não seria accordado tão cedinho pelo temor importuno de meus credores, que se dispõem a se agarrear a nossos hécticos cadáveres depois de nos terem despojado do último de nossos escudinhos. E vós, legisladores ineptos, que não pudestes ler a teoria das leis civis de meu confrade Lungiet e minha teoria das leis criminais?⁶ Vós provavelmente não teríeis dado ao credor um poder ilimitado sobre seu devedor, teríeis feito melhor enquadrar vossas decisões segundo os princípios do direito natural e da lei de Talião, e teríeis mostrado mais discernimento; mas todos tivestes cabeça de vento e coração de ferro, e se por uma fuga rápida não salvarmos o saber e a filosofia contra um novo ultraje, uma sombria e fria prisão breve nos há de servir de refúgio. Era este, então, ó Apolo!, o gabinete que tinhas me destinado no museu?... É melhor fugirmos para o meio das florestas e, vivendo de bolotas, raízes e frutos silvestres, esquecermos as sociedades que só foram estabelecidas pelos ricos para o maior prejuízo do pobre, a fim de passarmos o resto de nossos dias entre os lobos, a uivar contra o infortúnio da posteridade de Noé.⁷

Diante dessas tristes palavras, tudo o que o lamentável Tifãrês tinha de cabelos ou parecendo cabelos se arrepiou como os pelos de seda de um velho javali que não arreda pé, e depois de enfiar metade da perna dentro da meia, ele ergueu para Bissot suas duas mãos suplicantes e disse com voz entrecortada por frequentes soluços.

— Ó vós, que a natureza formou para vos tornar um dos mais belos ornamentos da sociedade, então é assim que, perdendo coragem, ireis por uma covardia sem igual privar vossos

* O Terceiro Estado era formado por todos os franceses que não pertenciam nem ao clero nem à nobreza. (N. T.)

contemporâneos e sua posteridade de tudo o que tinham o direito de esperar de vossos raros talentos? Eu poderia facilmente vos provar que a permanência nas florestas, úmida e insalubre, ataca o homem até nas fontes da geração; que suas águas glaciais entopem as glândulas e causam obstruções; que os frutos silvestres são amargos e difíceis de digerir. Em seguida eu falaria do dente apavorante dos lobos famintos, dos duendes que tornam um divertimento arrastar para os charcos e precipícios os viajantes extraviados. Mas de que adiantariam semelhantes discursos, para vós que sois sóbrios como um filósofo grego e não credes nos espíritos assim como o finado Moisés,⁸ de materialista memória? Vossa alma é inacessível à dor; mas vosso coração poderia estar fechado à piedade? Ah! dignai-vos a escutar essa virtude, ou melhor, essa disposição natural do homem e dos animais e que talvez valha por si só cem vezes todos os tratados de moral. Vede, só tenho pele e ossos: sereis mais inexoráveis que o lobo de La Fontaine?⁹ Ainda se eu estivesse saindo de uma esbórnia ou da cozinha do senhor nosso bispo seria compreensível, mas o ordinário de um escrevente de procurador que é recebido como advogado em Reims jamais engordou ninguém. Se pelo menos eu pudesse, como a moça selvagem ou como o menino de Hanover, agarrar as lebres na corrida...* Mas que digo, as florestas não estão povoadas de couteiros, que escoltam a caça até no campo do pobre para que ali ela engorde à vontade? E nós não seríamos de imediato arrastados até a mesa de mármore dos

* Em 1776, um tratado publicado em Londres sobre a exploração da madeira nos Pirineus menciona uma moça selvagem de quinze ou dezesseis anos que foi encontrada muito tempo antes em estado selvagem, em Issaux, nos Pirineus. Peter de Hannover, também conhecido como o selvagem de Hamelin, foi descoberto em 1724, correndo nu por uma floresta. Não falava, parecia ter cerca de treze anos e virou uma celebridade na época. (N. T.)

tribunais e de lá enviados às galés, onde o sucessor de Messer,* Jourdain-Launey,¹⁰ de bastilhana memória, teria o prazer de nos desancar até perdermos o fôlego? Ousaríamos nós, ao menos, apanhar a bolota ao pé da faia? E a lei não nos proíbe de pegar as bolotas? Não duvidais, se persistis em semelhante projeto, a pálida fome percursora da morte ávida breve me terá reduzido ao fundo do poço. Pelos deuses! Quem me confessará? Quem me ministrará o sagrado viático, e com os santos óleos quem me ungirá? Como então serei privado da água benta, dos *requiescat in pace* das almas boas? E que direi, por favor, chegando ao purgatório? Nua, descabelada, esquelética, mal ungida, faminta, pensei que minha alma ali seria vista com bons olhos? Ou expulsa, aterrorizada, perseguida, ela não iria rolando de pernas para o ar, e não ia cair como uma bomba dentro do caldeirão de Lúcifer? Bani, bani essas tristes fantasias; e já que a questão de honra nos impede de retornar ao cartório do dr. La Gripardière, nosso procurador; já que vossa nova dignidade vos agraga à mais respeitável das ordens, a essa ordem sem a qual os juízes não teriam mais razão que todo mundo e não decidiriam os processos senão pela lei e pelo bom senso, a essa ordem que hoje brilha à frente do Terceiro Estado como os bodes dos rebanhos, fujamos para climas longínquos, juntai-vos a algum procurador de província, a quem mostrareis os truques daqueles de Paris, e eu, sob as apariências de um sargento, hei de me servir na marmita pública, enquanto vivereis do lombo de vossa procuradora. E se a sorte bárbara me recusasse o emprego que ambiciono, não fazemos os

* Jourdain pai começou como comitre de galés e, depois, casando-se com uma filha bastarda do secretário de Estado de Argenson, chegou ao alto posto de governador da Bastilha. [Salvo quando há indicação em contrário, as notas de rodapé, indicadas por asterisco, são do Marquês de Pelleport e constam da edição original de 1790, que serviu a esta tradução.]

melhores pasteizinhos de toda a cristandade? Ah!, melhor dos irmãos!, deixai-vos tocar por minhas lágrimas, tendes pena de meu corpo e de minha alma, imitai os deuses, sede sensível às preces, essas filhas de Júpiter que lhe levam em tantos tons diferentes os desejos dos mortais, como diz muito bem Homero, o decano dos poetas e o pai dos filósofos. Mas me dou conta de que dais a essas boas moças uma favorável audiência. Apresso-me, e dentro de poucas horas teremos dado adeus eterno às colinas da Champanha.

Ao dizer essas palavras, Tifarès dá um pulo, veste uma depois da outra as seis camisas que compunham todo o seu guarda-roupa e, fazendo um sinal gracioso ao irmão mais velho, arrasta-o para a Porta Cerès,¹¹ que acabava de se abrir. Era assim que Dom Quixote, atrapalhado sobre o caminho a pegar, dirigia-se ao fiel Rocinante.¹² Que a imaginação de tantos graves autores corra sobre os passos de uma pluma sem cérebro, e que tantos hábeis ministros sejam guiados por um funcionário ignaro e grosseiro! Sob a conduta de seu bom irmão, o advogado Bissot logo chegou à estrada que vai direto para Rhetel-Mazarin, e que é cortada pelas planícies desertas da Champanha piolhenta: os campanários góticos da catedral vão desaparecer diante de seus olhos, enquanto, virando-se pela última vez para aquela cidade bárbara, ele grita como Isabel da Hungria: *sic fata volunt.*¹³

2. Os dois irmãos se perdem nas planícies da Champanha

Depois de ter satisfeito, com essas palavras latinas, a regra estabelecida em tempos imemoriais pelos grandes homens de todos os países e de todas as eras, que jamais começaram uma empreitada sem ter previamente pronunciado uma sentença digna da importância da empresa e própria para figurar no início de sua história, nossos dois viajantes se enfiaram na solidão de Pont-Favergé, seguindo caminhos que não são feitos nem para gente a cavalo nem para gente de carroagem nem mesmo para os mais modestos andarilhos.¹

Os forasteiros e os cidadãos que veem o reino pela portinhola de seu cabriolé não conseguiriam se maravilhar o bastante com a beleza de nossas estradas largas e longas: essas belas avenidas de nossos sujos albergues persuadem o resto da Europa de que não há uma das dezessete grandes partes de que essa região do globo é composta que ofereça comunicações tão fáceis. Mas esse aparato faustuoso não se impõe ao filósofo que percorre a pé os grandes espaços fechados por essas vias de desolação: elas são, não há que duvidar, muito cômodas para o transporte de

canhões e soldados. As mercadorias, uma vez que conseguiram pegar um dos fios desse vasto labirinto, chegam bastante comodamente à porta do rico,* mas o suor e as lágrimas que custaram aos infelizes lavradores dão a essa boa gente tamanha aversão por tudo o que se chama caminho que essas pessoas já não conseguiram se decidir a cuidar das veredas lamacentas que levam a suas tristes choupanas.² Depois de ter arruinado suas carroças, seus animais, sua saúde, para embelezar o passeio do rico, o lavrador é obrigado a destruí-los de novo antes de chegar ao caminho que ele construiu: e sobre essa estrada tão fácil vê uma parte das quantias que pagou escorrer da capital para as fronteiras, sem que possa esperar conduzir até sua choupana o menor vaso capilar desses canais ruidosos e rápidos. Estas eram as reflexões que inspiravam a nossos filósofos as más estradas secundárias da miserável Champanha.

O sol já tinha efetuado um pouco mais de metade de sua corrida quando chegaram a Pont-Favergé; uma trouxa de urze suspensa na parede, pois a madeira era tão rara nesses cantões como a pintura e ainda não fez na Champanha progressos bastante consideráveis, os levou a perceber que era mais que hora de almoçar. O casebre no qual estava pendurada essa isca não era cimentado nem assoalhado, umas velhas paredes cobertas de fumaça mais serviam de eira ao pouco de trigo-sarraceno que alimentava seus sóbrios habitantes do que de teto para a cozinha, em torno da qual cinco ou seis catres ordinários bem mais pareciam ter sido construídos para matar quem ali se deitava do que

* Tudo isso era verdade há alguns anos; mas graças às salutares instituições chamadas, não sei muito bem por quê, assembleias provinciais, apenas são praticáveis partes das grandes estradas que se ligam às metrópoles das províncias. A duas ou três léguas de cada uma dessas cidades privilegiadas, as estradas não são mais que atoleiros.

para lhe proporcionar repouso; alguns pratos rústicos e lascados, um púcaro com tampa de carvalho, uma grande arca própria para guardar pão e um saleiro que, mal ou bem, era preciso encher de sal, graças às sábias leis de Filipe, o sálico, pelas quais o camponês pode dispensar o pão, por bom que lhe pareça, mas não o dinheiro para comprar sal,³ era toda a suntuosa mobília da taberna que o destino construíra para receber o maior filósofo da França e seu assíduo admirador. Os donos dessa brilhante taberna, a casa do burgo mais ricamente mobiliada, estavam ocupados no campo. Haviam deixado como única guardiã uma velha surda que um ataque de apoplexia deixara paralítica em todo o lado esquerdo, e cujos anos faziam cambalear a cabeça calva como o pêndulo de uma manivela de espeto. Essa mulher parecia ter sido posta ali de propósito para preparar à abstinência os filósofos que ficariam tentados a se retirar para as solidões da região. Tinha cerca de setenta anos, pelo menos, a julgar por sua cara; pois os curas daquela terra, como só conheciam a santa escritura e as garatujas do Palácio, são inimigos jurados de qualquer outra escrita e não mantêm com grande exatidão seus livros de batismo e de morte. A boa mãe contava sua idade pelo número de vezes que havia comido carne, pois, exceto no dia da festa do lugar, os mais ricos da aldeia viviam como pitagóricos, com a diferença das favas. Felizmente para nossos viajantes, era véspera do mercado no burgo de Machaut, e os ovos da semana já estavam preparados, de modo que eles juntaram uma dúzia à sopa de sal que é o alimento fundamental desses trogloditas. Um grande copo de um vinhozinho vagabundo, um pedaço de pão preto e de queijo: digna produção de uma terra que fora, durante a dispersão das línguas, destinada unicamente às andorinhas e em que os animais e os homens que a ocuparam estão condenados, em virtude do pacto que Deus fez com Noé, a um eterno marasmo.⁴ Essa foi a suculenta refeição pela qual nossos viajan-

tes pagaram vinte e quatro soldos, de tal forma os alimentos ruins são caros quando são raros. No entanto, saíram bem contentes de seu almoço, e Bissot, terminando uma côdea dura, não se cansava de admirar a sobriedade desses bons aldeões.

— Venham — ele exclamava —, ricos sibaritas, habitantes efeminados de nossas capitais, venham ver a que preço o pobre paga o seu luxo e os seus prazeres: acorram e provem essa sopa ao sal, comparem-na com esses holocaustos que se põem sobre os altares, e que os senhores chamam de mesas... Ah! tremam, vejo esses selvagens grosseiros, cansados enfim de só trabalharem para enriquecê-los, se reunirem como faziam seus bárbaros ancestrais e se precipitarem sobre essas propriedades que os senhores possuem, como dizem, por direito natural. Semelhantes às harpias da fábula, eles se jogam sobre suas mesas e sobre seus cofres, e para rechaçá-los os senhores só fazem inúteis esforços.⁵ Uma epidemia de fome, uma guerra que apaga do livro dos vivos seus satélites mercenários: é hora desse acontecimento. A propriedade do outro só é sagrada para quem já possui alguma coisa! Ó governos! admiráveis máquinas para os ricos! Como puderam durar tanto tempo? Já não me espanto que o sr. De Serres de la Tour enriqueça fazendo os confeitos La Mecque, e que Mesmer magnetize a metade do globo.⁶ Vivemos num século em que todo homem que tem com que pagar um teatro ou cavaletes tem a garantia de brevemente embolsar o dinheiro da multidão. Padres, monges, soldados, oficiais de justiça, grandes e pequenos senhores, façam todos causa comum: mas prestem atenção, o pulso se eleva, a febre aumenta, as grossas veias se entopem, a crise talvez não esteja muito longe, e um dia poderão se arrepender de ter feito subir toda a linfa à cabeça do corpo político.

Enquanto se entregava a esses profundos raciocínios, o sol se punha no horizonte; seu disco não era mais que uma imagem enganosa, e o crepúsculo expulso por espessas trevas fugia da

aurora, da qual só estava separado por um arco bastante curto: a noite já negra aparecia aos olhos do tímido Tifarès em seus lúgubres aparatos; seu carro puxado pelas corujas tinha como rodas as almas do purgatório dobradas em forma de cicloide, grandes morcegos com nariz em forma de ferradura o abanavam com o movimento de suas asas. Dois vampiros montados em cima de lobisomens conduziam o carro, e três ogros cavalgando xofranguos corriam na frente, gritando huu-huu, para manter a equipagem protegida da luz. O Espanto, que fazia parte do triste cortejo, bastou avistar o coração empedernido da tímida criatura que ali foi se alojar com tanto desvelo quanto um ordenança dos marechais da França que não jantou há três semanas às custas de nenhum fidalgo, e põe-se em posição de sentido em nome do rei e de nossos senhores marechais diante de algum provincial com quem tenta comprar briga. O coitado habitante de Chartres agarrou o braço do irmão e, prendendo a respiração o melhor que pôde, começou a andar como um pobre cujos pés descalços e esfolados servem de cúpula para o colmo na qual o ceifeiro ainda não separou a palha e as espigas. Sem os imensos trilhos das rodas dos carros Bissot não saberia se estava nos campos ou na estrada; quanto a Tifarès, estava bem longe de pensar em outras vias além daquelas da salvação, recitava orações e, por uma precaução um tanto inútil, fechara completamente os olhos, o que não o impedia de ver fantasmas de todo tipo.

Nossos viajantes estavam rendidos, e já não imaginavam outra decisão além daquela de se deitar num sulco e ali passar a noite. Bissot já começava a se dar conta dos inconvenientes da pura natureza. Os selvagens, dizia consigo mesmo, não encontram a toalha posta no canto da colina onde a noite os flagra. E se a caça for ruim, ou se, embrenhados num cantão estéril, os frutos acabarem faltando?... Mas pouco importa, tenho que manter meu plano, e a fome e o frescor da noite não me farão desistir.

É assim que um ministro sistemático mergulha um Estado na confusão e na anarquia, para sustentar suas opiniões: em vão ele se dá conta de que os laços sociais se afrouxam, de que as partes se desagregam, sua arrogância o faz preferir pôr fogo nos quatro cantos de uma província à vergonha de se retratar, e ele é consequente em sua loucura, até que o medo de perder um lugar pelo qual tanto suspirou o afasta insensivelmente de seu caminho. No entanto, não sei muito bem se Bissot teria resistido com igual constância, pois nisso, como em muitas outras coisas, todos os filósofos que conheci se parecem com os senhores nossos pregadores, uns e outros deram ensejo, pelo enorme disparate de seus sermões e de sua conduta, a esse provérbio, égide dos tolos e dos ignorantes: *a prática vale mais que a teoria*. Os conselhos dos moralistas são duros e assustadores, mas seus costumes sempre me pareceram dos mais cômodos. Felizmente, para a glória de nosso legislador errante, a voz de um cão veio socorrê-lo em sua filosofia, apoiá-lo em seus princípios; reanimou sua coragem e apoiou seus planos com a esperança de encontrar uma ceia e um catre que, conquanto fossem tão ruins como os de Pont-Favergé, ainda seriam preferíveis às bolotas e ao colmo. Essa voz que fortaleceu Bissot em sua cavalgadura filosófica não produziu o mesmo efeito em Tifarès, cujo estômago, tão vazio quanto seu cérebro, o predispunha ao pavor. Mal bateu em seus ouvidos, ele se preparou para dar no pé. Os latidos do cão parecem-lhe sair do fundo do Érebo; convencido de que são os gritos do Cérbero de Lúcifer, ou pelo menos os do porteiro do purgatório, põe-se a rezar, e é só ameaçando deixá-lo sozinho que seu irmão o arrasta para o lado de onde ouvira a voz em que baseava sua esperança, e que só parecia sair das entranhas da terra porque vinha do fundo de um valão atapetado por uma relva bastante fresca e banhada por um riacho cujo murmúrio não demoraram a ouvir.

Tinham dado apenas cinquenta passos, seguindo o curso

desse riacho, quando o mastim tricéfalo fez-se ouvir cada vez mais: mas de tão perto que, de repente, Tifarès não mais o considerou um espírito de cachorro, mas de fato um animal raivoso: assim, pôs-se o quanto antes a recitar a oração do finado sr. Saint Hubert,⁷ o que não impediu o cão de ameaçar de maneira cruel suas nádegas descarnadas, e ainda bem que naquele dia ele vestira seis camisas.

Mas o que você pensou, ó flor dos confeiteiros de Chartres, quando numa curva da colina sentiu encostar em seu estômago a ponta de um fuzil, e uma voz assustadora repetiu cinco ou seis vezes em seus ouvidos: “Alto lá... quem está aí? Pela morte... se mexer, eu te mato”? Ó Tifarès!, o pavor deixou-o eloquente, e caindo sobre esses joelhos tão endurecidos como os de João, o Evangelista, você exclamará com voz lamentável: “Senhor, tende piedade de nós, e o senhor, seu ladrão, dê-nos ao menos o tempo de nos reconhecer; ainda não estamos maduros para a eternidade: conceda a vida a dois pobres sábios que o amor da filosofia e o temor dos oficiais de justiça jogaram nestes desertos horrorosos. Aqui estão sete libras e dois soldos, é toda a nossa fortuna, e que Deus faça cair em suas mãos a caixa de um arre-cadador das talhas!* Meu irmão é um dos mais ilustres advogados que jamais obtiveram a licença em Reims, desde que lá se vendem licenciaturas, e se o senhor tiver algum processo, ele o servirá com zelo e fidelidade: portanto, escute nossas preces e não nos mate”.

— É o que teremos de ver — recomeçou a voz —; siga meus passos, e daqui a pouco saberei se seu relato é verídico.

Tifarès não precisou ouvir duas vezes, e seguindo os passos do invisível fuzileiro não demorou a avistar várias pessoas que riam e

* A talha era um tributo pago pelos vassalos para a defesa do feudo pelos senhores. Era pago com parte da produção. (N. T.)

cantavam em volta de uma grande fogueira, em cuja claridade o guia deles parecia um gigante de imensa estatura.

Finalmente, chegaram junto daquele grupo.

— Aqui estão — disse a seus companheiros a temível sentinelas — uns cavalheiros que me fizeram a graça de me confundir com um ladrão: estão perdidos, e como não há aldeia a mais de três léguas daqui, provavelmente vão gostar muito de passar a noite em boa companhia.

— E de fazer uma boa ceia — acrescentou o chefe do bando, mandando-os tomarem assento perto do fogo. E foi assim que viram que, na vida, não há tão triste posição a ponto de destruir a esperança de se fazer uma boa refeição antes de morrer.